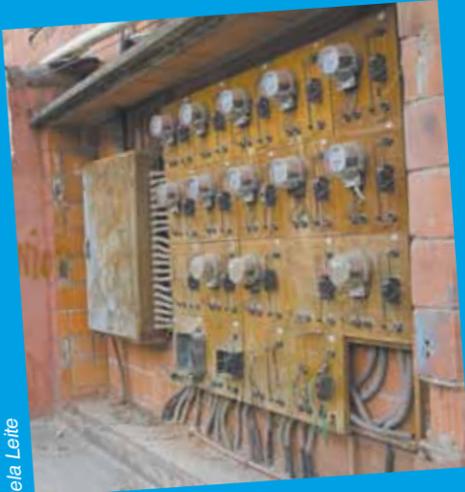


Reclusão e vício

Artigo de Rodrigo Nascimento aprofunda discussão sobre internação compulsória
Pág. 12

Nova Maré

Povo acolhedor busca dias melhores.



Elisângela Leite

Perigo: relógios de luz ao relento

Pág. 3

Escambo moderno

Projeto incentiva economia solidária na Maré **Pág. 7**

Transporte

Secretário explica padronização de cores nos ônibus **Pág. 6**



Espaço Aberto

Encontro do Ciep da Vila do Pinheiro
Pág. 16

Cultura

Dicas de teatro, filme pela internet, documentário, livro...
Pág. 14 e 15

Programa-se!



Programação **Pág. 15**

Tá nervoso? Vai Pescar!

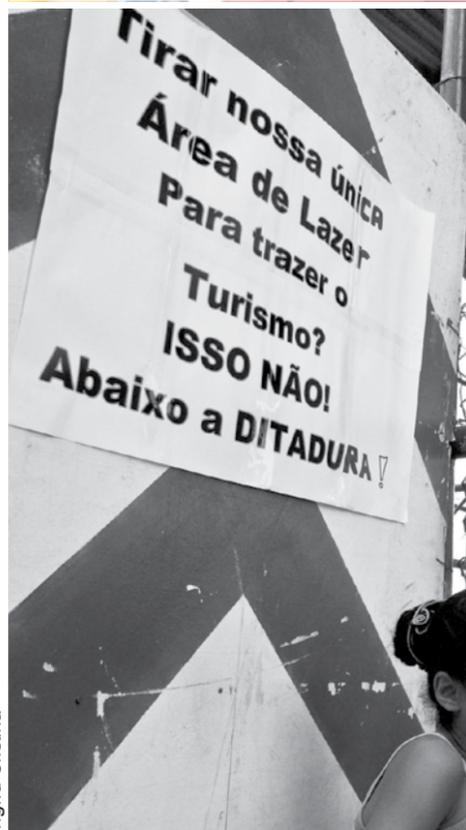
Pescadores amadores e até curiosos buscam os profissionais da Colônia do Parque União para curtir um passeio pela Baía de Guanabara e, se a sorte ajudar, garantir o almoço. Em qualquer caso, a conversa de pescador é certa. Um dos integrantes da colônia vai logo dizendo: "Todo mundo pega peixe grande, mas ele sempre foge", brinca. **Pág. 8 e 9**



Arquivo/ Colônia Parque União

Divina (im)providência

O *Maré de Notícias* publica mais um trabalho documental do Coletivo Favela em Foco, desta vez sobre o Morro da Providência, no centro da cidade. A exemplo do Alemão, a Providência também ganhará um teleférico. Para dar lugar ao equipamento, a Prefeitura interditou a quadra situada no alto da favela, gerando protesto de moradores. **Pág. 4 e 5**



Ingrid Cristina



O *Maré de Notícias* tem um ESPAÇO ABERTO para você. Participe!

Pág. 16

Cadê o menino que estava aqui?

Na edição passada, a manchete do jornal foi: "Cadê a favela que estava aqui?"; por causa da nova classificação das comunidades que deixaram de ser favelas. Desta vez, quem saiu do mapa da Prefeitura são os moradores de rua, que estão sendo recolhidos compulsoriamente (obrigatoriamente). **Pág. 10 e 11**



Ascom SMAS

Navegar é preciso

O Maré de Notícias apresenta nesta edição: pescaria noturna ou de fim de semana, teatro, show, leitura, filme, documentário, porque nem só de trabalho vivem o homem e a mulher. Por isso, as páginas 8 e 9, 14 e 15 são de pura alegria. Para curtir sozinho, com a família ou com os amigos.

Mas, como já é de praxe no nosso jornal, não pudemos deixar de lado alguns temas polêmicos; afinal as decisões de governo mexem com a vida da gente. Assim, a política de retirada da população de rua é debatida em reportagem (pág. 10 e 11) e em artigo (pág. 12); e a padronização da cor dos ônibus na pág. 6.

Aproveitamos ainda para pegar uma "carona" com o Coletivo Favela em Foco, grupo de fotógrafos populares formados no Imagens do Povo, e fomos até o morro que deu origem ao significado de "favela" como área de moradia. Estamos falando do Morro da Providência, onde os moradores insatisfeitos com a construção de um teleférico exerceram o direito de se manifestar contra o projeto.

O trabalho documental do Favela em Foco nas comunidades do Rio registra o que, em geral, não vemos nos veículos de comunicação de grande porte. O diferencial é garantido pelo olhar de dentro da favela, o que pode ser atestado nas páginas 4 e 5 desta edição. Para conhecer mais o grupo, acompanhe o blog favelaemfoco.wordpress.com.

Não deixe de conferir a programação da Lona da Maré na pág. 15. E divirta-se!

MARÉ MUNDI

Qual o papel da comunicação comunitária?

Qual é o papel dos veículos comunitários na informação e formação de opinião de moradores de favelas hoje? Que modelos de iniciativas de comunicação são mais bem sucedidos, em relação a permanência, regularidade e qualidade? Qual o impacto da internet e das mídias sociais neste panorama?

Estas são algumas das perguntas que nos propusemos a responder quando aceitamos a proposta da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) de fazer um diagnóstico sobre mídias comunitárias em favelas do Rio de Janeiro, em novembro de 2010.

Desde então, temos percorrido a cidade, conversando com lideranças comunitárias, moradores e agitadores culturais de locais como Babilônia, Borel, Cantagalo, Cidade de Deus, Pavão-Pavãozinho, Providência, Santa Marta, Tabajaras e muitos outros*. Em 2011, a jornalista Rosi-

lene Miliotti, da comunicação institucional da Redes de Desenvolvimento da Maré, juntou-se ao time como assistente de pesquisa.

Em todos os locais, nosso objetivo é sempre o mesmo: identificar as iniciativas de comunicação existentes, desde os serviços de alto-falantes até as rádios, dos jornais às páginas de internet; compreender os desafios envolvidos na manutenção destes serviços e a sua capacidade de atingir a população local; e identificar casos que de sucesso. Outro aspecto abordado na pesquisa é o possível impacto da implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) nos territórios pesquisados sobre os meios de comunicação comunitários.

Intitulada "Mídias locais nas favelas cariocas: o que está mudando com as UPPs e perspectivas de comunicação alternativa em territórios populares", a pesquisa estará concluída até março de 2012.

Silvia Ramos e Anabela Paiva



* Entrevista sobre o Maré de Notícias.

Na Nova Maré o futuro vai ser diferente

Rosilene Ricardo e Elisângela Leite

Você já imaginou chegar a um lugar onde as casas não têm endereço? Nome de rua, número, nada? Em pequenas vilas no interior do Brasil isso ocorre, mas os moradores são poucos e todos se conhecem pelo nome e sobrenome. Pois em plena Cidade Maravilhosa também existem locais sem endereço e um deles se chama Nova Maré, que desde sua inauguração, em 1995, nunca teve numeração nas casas, afirma Flávio Rodrigues, presidente da Associação de Moradores da comunidade.

Com isso, cabe à associação receber uma grande quantidade de correspondências, separá-las por ordem alfabética e efetuar a entrega aos moradores, que precisam buscar suas contas e cartas regularmente. "Imagina a quantidade de gente aqui todo mês? Estamos tentando resolver essa situação, mas ainda está muito difícil", desabafa Flávio. Atualmente, estima o presidente da associação, há cerca de 3 mil pessoas habitando a Nova Maré.

O conjunto habitacional Nova Maré foi construído pela Prefeitura do Rio de Janeiro para assentar moradores removidos de palafitas no Parque Roquete Pinto e na localidade conhecida como Kinder Ovo. Situada em área de aterro vizinha à Baixa do Sapateiro, decorrente da construção da Linha Vermelha, o seu projeto segue o estilo do Conjunto Bento Ribeiro Dantas. É onde se encontra o Projeto Uerê, que atende crianças e adolescentes; a Vila Olímpica da Maré; e a Lona Cultural da Maré.

Correndo atrás de dias melhores

Mas a comunidade convive com muitos problemas. Além da falta de endereço, a população reclama da rede de esgoto, que foi criada para suprir a demanda de 16 anos atrás. Como o poder público não investe na ampliação da rede, o jeito é arregaçar a manga e dar um jeitinho. Os próprios moradores instalam "ladrões" de esgoto que, no entanto, não resolvem de fato a questão.

De acordo com Flávio, o trabalho ainda é dificultado pelas construções irregulares que começaram a surgir na comunidade. "A Cedae vem sempre tentar desentupir o esgoto, mas muitos deles, por causa das construções irregulares, já ficam dentro das casas e nem sempre os moradores estão lá para recebê-los", explica.

Conversando sobre o local onde mora, Flávio mostra ainda as caixas de luz abertas e quebradas, um perigo constante para crianças e desavisados. São mais de 20 relógios expostos sem qualquer proteção. "Já tirei fotos e enviei para a Light, só que nada foi feito até agora. Esse tipo de situação coloca a vida de muita gente em risco", ressalta.

Mesmo com tantos problemas, o presidente destaca que a Nova Maré é composta por um povo muito acolhedor e possui um ambiente bastante familiar. Essas características seriam melhor aproveitadas se a comunidade tivesse uma praça, acrescenta Flávio. O que seria a praça acabou desfigurado por construções que foram invadindo a área de convivência. A associação espera conseguir um novo espaço para que as famílias se reúnam com as crianças e os amigos.



Associação de Moradores
8603-4469 / 8663-7931
Rua C, loja 5, quadra 4
2ª a 6ª, de 8h às 12h e de 14h às 17h

Expediente

Instituição Proponente
Redes de Desenvolvimento da Maré

Diretoria
Andréia Martins
Eblin Joseph Farage
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz da Nóbrega Júnior
Fernanda Gomes da Silva (licenciada)
Helena Edir
Patrícia Sales Vianna
Shyrei Rosendo

Instituição Parceira
Observatório de Favelas

Apoio
Ação Comunitária do Brasil

Administração do Piscinão de Ramos
Associação Comunitária Roquete Pinto
Associação de Moradores e Amigos do Conjunto Bento Ribeiro Dantas

Associação dos Moradores e Amigos do Conjunto Esperança
Associação de Moradores do Conjunto Marílio Dias

Associação de Moradores do Conjunto Pinheiros

Associação de Moradores do Morro do Timbau

Associação de Moradores do Parque Ecológico

Associação de Moradores do Parque Habitacional da Praia de Ramos

Associação de Moradores do Parque Maré

Associação de Moradores do Parque Rubens Vaz

Associação de Moradores do Parque União

Associação de Moradores da Vila do João

Associação Pró-Desenvolvimento da Comunidade de Nova Holanda

Biblioteca Comunitária Nélida Piñon

Centro de Referência de Mulheres da Maré - Carminha Rosa

Conexão G

Conjunto Habitacional Nova Maré

Conselho de Moradores da Vila dos Pinheiros

Luta pela Paz

União de Defesa e Melhoramentos do Parque Proletário da Baixa do Sapateiro

União Esportiva Vila Olímpica da Maré

Editora executiva e jornalista responsável
Silvia Noronha
(Mtb - 14.786/RJ)

Repórteres e redatores
Hélio Euclides
(Mtb - 29919/RJ)

Tiragem
35.000

Redes de Desenvolvimento da Maré

Rua Sargento Silva Nunes, 1012, Nova Holanda / Maré
CEP: 21044-242
(21) 3104.3276
(21) 3105.5531
www.redesdamare.org.br
comunicao@redesdamare.org.br
Os artigos assinados não representam a opinião do jornal.

Fotógrafas
Elisângela Leite
Rosilene Miliotti

Ilustrador
Felipe Reis

Projeto gráfico e diagramação
Pablo Ramos

Logotipo
Monica Soffiatti

Colaboradores
Anabela Paiva,
Aydano André Mota,
Coletivo Favela em Foco
Flávia Oliveira,
Observatório de Favelas
Rodrigo Nascimento

Impressão
News Technology
Gráfica Editora Ltda.

BR PETROBRAS

act:onaid

Vamos tomar uma Providência



Léo Lima

Léo Lima / Coletivo Favela em Foco

Coletivo favela em Foco

Na manhã de terça-feira, 19 de julho, no Morro da Favela – ou Morro da Providência –, no centro do Rio, por volta de 8h, fotógrafos, repórteres, moradores, parceiros e muitos policiais fortemente armados estavam, mais uma vez, na Praça Américo Brum, onde há três dias aconteciam manifestações contra a derrubada da **quadra de lazer** para dar lugar à construção de um **teleférico**. Aquele era o dia da interdição da praça pela Prefeitura.

Muitos policiais estavam a postos na localidade enquanto os moradores iam chegando aos poucos. Olhares estranhos eram trocados, o comércio começava a abrir suas portas e o silêncio dominava o momento. A líder comunitária Rosieti Marinho, 53 anos, começava a mobilizar mais uma vez o pessoal. Moradores com meias para proteger seus pés do frio, fumando seus cigarros, tomando café e com os tradicionais: Bom dia! Oi, querido! Tudo bem? Que iam contagiando o povo que em meio à timidez começava a ocupar a praça.

Mas numa velocidade ainda maior chegavam os operários da Prefeitura do Rio de Janeiro, que somando forças apareciam com tapumes de madeira, pregos, marretas e máquinas de perfuração.

O papo já estava dado, a Polícia Militar já estava avisada que os “marginais” estariam lá mais uma vez para fazer “baderna”. Seria essa a explicação pelo arsenal bélico e poderoso da entidade? Segundo o comandante, responsável pela Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Providência, era por pura precaução, para justamente garantir a segurança das pessoas.

Depois de muito fala-fala, os operários acabaram entrando na quadra e começaram a perfurar o chão.

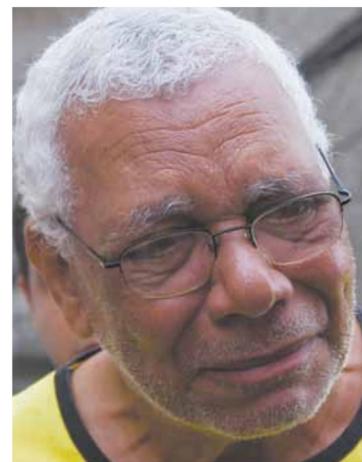
Víamos **peças que fazem parte da obra rindo**, enquanto os moradores brigavam e conversavam com os “responsáveis” mais próximos, ou com mediadores de conflito para terem uma resposta sobre o que iria acontecer com eles no futuro.

Em meio a tudo isso, a manifestação acontecia. Crianças também participavam, até porque simplesmente ninguém avisou que não haveria treino de futebol naquele dia – nem onde a atividade acontecerá daqui pra frente. Eram **diversos meninos** com chuteiras e meias, não pelo frio, mas que tremiam de vontade de jogar bola na quadra, o que infelizmente não acontecerá mais, nunca mais!

Os moradores não se conformaram com a atitude do governo. Márcia Martins, moradora com 45 anos de morro, achou que deveriam primeiro ter chegado em cima dos moradores e ter dado o papo reto. O papo estava reto, como sempre foi, reto e vertical; a voz do povo, historicamente, só é ouvida (e nem sempre) quando uma gigantesca massa vai às ruas. E ali estava um grupo considerado pequeno para o tamanho da favela, assim seria muito difícil alarmar e agregar mais pessoas de outras localidades, como foi.

Superemocionado, senhor Nélio, 63 anos, nascido e criado no morro, comentava: “Nós queremos é dignidade, respeito e liberdade pra gente usar o que é nosso! Uma comunidade centenária como essa não pode se acabar dessa maneira, o povo está iludido com o aluguel social!” **Senhor Nélio** chorava muito, assim como Eva Márcia, Márcia Martins, Rosieti Marinho, Dona Penha, Dona Glorinha “Cintra-se” à vontade, **Dona Dorcelina**, Dona Dirce, Sr. Sílvio Ronaldo.

Há necessidade de intimidarem as pessoas com fuzis? Há necessidade de rirem olhando para os moradores enquanto trabalham? Há necessidade de tal obra, para turista sair da Cidade do Samba, passar pra ver os **mirantes** na Providência e depois descer para a Central? Qual o intuito desse turismo que não prevê o diálogo com os arquitetos dessa história centenária?



EdMilson de Lima



EdMilson de Lima



Léo Lima



Léo Lima



Léo Lima



Léo Lima



EdMilson de Lima

EM OUTUBRO: #entresembater
instalação multimídia sobre moradia e acesso a cidade

ENTRE SEM BATER

Ops! Perdi meu ônibus

Padronização de ônibus da cidade confunde passageiros

Hélio Euclides

Com a licitação do sistema de transporte de passageiros, a Prefeitura do Rio de Janeiro determinou aos consórcios de empresas vencedoras que passassem a adotar um padrão de cor para todos os ônibus urbanos municipais. Essa mudança vem trazendo transtornos aos usuários.

Muitos reclamam que apenas o diferencial por faixa, que identifica o consórcio, não é suficiente para visualizar a linha da condução. “Já é um pouco ruim para quem enxerga bem, imagine para mim que vejo pouco? É bom ter algo que mostre a diferença entre as linhas de ônibus”, sugere Rosângela Rocha, que trabalha na Praia de Ramos.

A nova numeração de parte das linhas também gera reclamações. O objetivo da Secretaria Municipal de Transportes é adequar as linhas em operação às normas estabelecidas pelo Padrão Funcional. Conforme determina o contrato de concessão, as alterações visam corrigir as distorções existentes no sistema antigo. Antes, as próprias empresas definiam o

número de novas linhas, por exemplo, acrescentado uma letra.

O problema foi que a Prefeitura não informou os usuários antes de implantar o novo plano de transporte, o que vem deixando passageiros perdidos. “Para quem é analfabeto fica difícil saber identificar o ônibus. Descobri que a justificativa foi a licitação. Acho que eles não pensaram, pois além da cor ainda mudaram os números de repente, sem esclarecimento à população”, comentou a moradora da Vila do João, Viviane Santos do Nascimento.

A advogada Dolores Gonzáles cita um julgamento que tinha uma empresa de transporte público como ré. A testemunha não sabia o nome da companhia, mas contou com detalhe as cores do coletivo, o que mudou o resultado final do caso. Dolores acredita que de agora em diante essa forma de identificação vai ser impossível. Além disso, com as alterações, os idosos estão entre os mais prejudicados. “Está péssimo para quem não sabe ler direito. Já vi gente perdendo o ônibus por causa disso. Não gostei da mudança”, afirma a moradora do Parque União, Teófila Claris, que já está na terceira idade.

Guia de linhas locais

As mudanças estão sendo feitas por etapas nas áreas operadas pelos consórcios Internorte (faixa verde), Intersul (amarelo), Transcarioca (azul) e Santa Cruz (vermelho). Veja, abaixo, a numeração nos ônibus que circulam dentro da Maré:

- 179 (antes 955)** - Maré - Alvorada (via Linha Amarela)
- 320** - Praça XV - Parque União
- 322 (antes SV322)** - Ribeira - Castelo (via Cidade Universitária)
- 324 (antes SVB324)** - Ribeira - Castelo (via Cidade Universitária)
- 326 (antes SVB326)** - Bancários - Castelo (via Cidade Universitária)
- 328 (antes SV328)** - Bananal - Castelo (via Cidade Universitária)
- 330** - Praça XV - Parque União
- 386 (antes 381)** - Anchieta - Cidade Univ.
- 485 (antes 485-486)** - Gen. Osório - Penha (via Fundão)
- 498 (antes SV498)** - Circular da Penha - Cosme Velho (via Conj. Marcílio Dias)
- 634 (antes 635)** - Saens Peña - Bananal (via Cidade Universitária)
- 634 (antes 913)** - Del Castilho - Fundão
- 696 (antes 616)** - Del Castilho - Fundão
- 696 (antes SVB696)** - Méier - Praia Dendê (via Cidade Universitária)
- 905 (antes SVB905)** - Irajá - Fundão
- 911** - Bonsucesso - Cidade Universitária
- 919** - Pavuna - Bonsucesso (Morro do Timbau)
- 945** - Pavuna - Cidade Universitária



Elisângela Leite



Divulgação

Secretaria explica

O Secretário Municipal de Transportes, Alexandre Sansão, não vê contratempos nas novas cores e numeração dos ônibus. As mudanças, explica ele, significam atualização do sistema.

Quais os motivos que levaram a Prefeitura a adotar essa proposta?

A padronização visual da frota foi definida para ordenar o sistema do transporte de passageiros por ônibus, dando fim à desordem visual provocada pelo excesso de empresas prestadoras de serviço. A cor base dos veículos segue esse princípio de não agredir a paisagem da cidade.

Como ficou a divisão, e quando será concluída essa padronização?

Com a divisão do sistema em quatro redes de transporte regionais a serem operadas por quatro consórcios, foi definido um padrão visual cuja diferenciação se dá pelas cores das respectivas redes, o que pode ser feito com grande facilidade. Convém acrescentar que a padronização visual da frota de ônibus ocorre em diversas cidades brasileiras. No Rio, os consórcios Internorte, Intersul, Transcarioca e Santa Cruz têm até novembro para se adaptar às regras de padronização.

Foi avaliada a situação de usuários idosos, com pouca visão, e analfabetos?

A identificação de linhas não deve ser feita pelas cores dos veículos, mas pelo seu número ou pela indicação de destino do veículo, informações disponíveis nos letreiros de cada ônibus. Vale lembrar que, se antes da padronização, um usuário tinha por hábito pegar um ônibus tendo como único critério sua cor, poderia também cometer equívocos em função da presença de uma mesma empresa operando linhas distintas num mesmo corredor viário.

O que está sendo feito para melhorar a identificação?

Os veículos novos que são incorporados à frota chegam com letreiros luminosos (tecnologia LED), de melhor viabilidade para os usuários.

Troca-troca na Maré

Por um comércio justo e solidário, artesãos se reúnem para produzir, vender, comprar e trocar bens e informações.

Rosilene Miliotti
Rosilene Miliotti (Imagens do Povo)

A economia solidária é uma alternativa de geração de trabalho e renda e uma resposta para a inclusão social. Compreende um conjunto de atividades econômicas de produção, cooperação, solidariedade, distribuição, consumo, poupança e crédito organizadas sob a forma de autogestão. Esse modelo – baseado no comércio justo entre os participantes – traz uma nova lógica de desenvolvimento sustentável e crescimento econômico. Nesse sistema, os trabalhadores se organizam coletivamente para gerir seu próprio trabalho.

Desde abril, a Ação Comunitária do Brasil (ACB), na Vila do João, promove o evento Maré de Portos Abertos. Um encontro entre moradores das comunidades locais e de outros cantos do estado do Rio de Janeiro para dialogar e trocar informações sobre a produção e venda de seus produtos.

O idealizador do projeto, Sergio de Barros, teve a iniciativa depois de perceber que a produção de artesanato não tinha um local de venda e visibilidade. “Esse encontro tem como objetivo apresentar os produtos e os produtores da comunidade, compartilhar e desenvolver uma articulação para além da Maré”, explica Sergio, que reforça a necessidade de que outros espaços da comunidade abriguem essa iniciativa para que mais pessoas conheçam o trabalho dos artesãos.

Artesãos da Maré, Duque de Caxias, São Gonçalo, Jacarepaguá, Magé e Cidade de Deus sempre comparecem ao encontro. Ana Sacramento, coordenadora do Projeto Social Idade Não Conta (PSINC), de São Gonçalo, visita feiras e exposições e diz que vai a qualquer lugar, longe ou perto. Para ela o importante é estar junto com outros artesãos para multiplicar o conhecimento. “Em cada comunidade que a gente vai vemos trabalhos maravilhosos, um melhor do que o outro”, diz.

Uma questão de autoestima

A artesã do Centro de Referência de Mulheres da Maré Carminha Rosa e moradora da Vila do João, Margarida Maria de Jesus, é um exemplo de mudança. “Estive doente e desempregada, bem no fundo do poço, e o Mulheres da Maré me acolheu. Recebi apoio e atenção de todos, desde a psicóloga até as colegas de artesanato. Lá aprendi a bordar, fazer crochê e estou no grupo há dois anos e já faço minhas coisinhas”, conta orgulhosa. Com a autoestima lá em cima, ela afirma que hoje é uma nova pessoa.

Para a educadora Rosângela Bastos o trabalho é importante, mas as pessoas devem entender o sentido político do encontro. “A economia solidária deve ser praticada porque é uma economia mais justa para população mais pobre. Reconhecer e valorizar o artesanato é consumir o que é legítimo. Sempre que viajo uso uma pulseira ou cordão e faço questão de dizer que o artesanato que estou usando foi feito pelas moradoras da Maré. Para mim é o mesmo que usar uma joia porque tem um valor e uma identidade”, explica.



“Maré de Portos Abertos”

Todo segundo sábado do mês, das 11h às 16h, na Ação Comunitária do Brasil
R. Onze - Quadra 58, nº 243, Vila do João. - Tels: 2260-3197 / 3868-7056.



Rosilene Millotti

História de pescador

Moradores da Maré e da Baixada Fluminense alugam barcos na Colônia de Pescadores do Parque União

Quem nunca ouviu a frase: “Tá nervoso? Vai pescar! O pescador Reinaldo Coelho, conhecido como Coelho, garante que a frase é verdadeira. Para ele, pescar é uma terapia. “No mar a gente não se liga em nada. Quem sai para pescar só fica preocupado se levar um notebook para acessar a internet ou se ficar pendurado no celular. Mas dificilmente as pessoas levam esses equipamentos”, conta ele, que pertence à Colônia de Pescadores do Parque União.

Já para o cozinheiro Severino Romildo Araujo Gomes, morador da comunidade Parque União há 22 anos, o mar é um calmante. “Quando estou nervoso, minha mulher sempre fala para eu ir pescar. Pesco a noite todinha e ainda trabalho o dia inteiro sem cansaço algum”, revela.

Assim como Romildo, muitas pessoas procuram a colônia para sair de barco com os pescadores. “Levamos para passeios todo o tipo de gente: mulher, homem, criança, casais, grupo de amigos e famílias inteiras. Mas pesca não é coisa só de homem. Minha ex-mulher, por exemplo, pesca muito e sempre pega peixão. Costumo dizer que sair para pescar é igual a pelada de domingo, quando os amigos se reúnem para jogar bola. Fazem churrasco, feijoada, mocotó e até comemoram o aniversário no barco. Há grupos que passeiam há mais de 10 anos com a gente”, exemplifica Coelho.

Romildo conta que levou sua esposa uma vez para pescar, mas ela nunca mais quis voltar. “A mulherada briga quando não levamos peixe pra casa. Na última vez que fui, peguei uns 12 peixes grandes – entre 1 kg e 1,5 kg – e o restante da turma pegou peixes menores. Quando chegamos, separei os peixes para que todos levassem peixe pra casa e a patroa não brigasse com ninguém. Mas teve um que era mais ‘olhão’ e saiu pegando só peixe grande. Reclamei com o cidadão, aí ele disse que estava levando só uma dúzia. Mas estava levando uma dúzia de peixes grandes. Para os outros, inclusive eu, restou os peixes pequenos”, conta.



Arquivo / Colônia Parque União



Arquivo / Colônia Parque União

“Pescar é bom demais. Quem vai uma vez não deixa mais de ir, vamos pra tu ver?”



Arquivo / Colônia Parque União



Elisângela Leite

Histórias de pescador

“Todo mundo pega peixe grande, mas ele sempre foge”, brinca Coelho quando perguntado sobre as histórias de pescador. Entretanto, Romildo diz que já pegou arraia, cação e até filhote de tubarão. “Uma vez peguei duas arraias grandes que deram muito trabalho. Cheguei a ficar mais de uma hora puxando a linha. A primeira teve dois filhotes que nasceram mortos. Já a segunda era bem grande, pouco maior que uma mesa de bar, pesava uns 20 kg. De repente ela estourou e saíram cinco filhotes”, conta Romildo que já faltou à igreja para pescar.

“Rapaz, pescar é bom demais. Quem vai uma vez não deixa mais de ir, vamos pra tu ver?”, diz Romildo, convidando a equipe do Maré de Notícias para pescar. Ele aconselha pescar com linha de mão porque é mais gostoso e dá para sentir o peixe fisingando a isca. “Tem criança pequenininha que vai. O barco tem cama e banheiro, não é desconfortável”, explica.

Passeios por R\$ 170 a R\$ 250

Todo o fim de semana tem gente alugando barco para pescar, mas a procura é maior no verão e nos feriados prolongados. Os passeios variam de R\$ 170 a R\$ 250, porém o valor pode mudar, dependendo do barco e da quantidade de pessoas. De acordo com Coelho, os passeios rendem mais do que a pesca, cerca de R\$ 500 por semana. “Mas aconselho que as pessoas sempre verifiquem a existência de coletes salva-vidas e se a documentação da embarcação está em dia”, alerta.

Há mais de 15 anos, os pescadores da colônia do Parque União fazem esse tipo de passeio, mas eles reclamam do acesso. “Para os moradores da Maré o acesso é fácil, mas quem vem de outros lugares como da Baixada Fluminense, não é. Marcamos um local para buscá-los, geralmente no São Bento ou na colônia de Ramos. Mas o problema poderia ser resolvido se fizessem a dragagem e um píer do outro lado da colônia, do lado da Cidade Universitária. Até as pessoas da Maré que fossem para o Fundão estudar, trabalhar ou ir ao médico poderiam chegar mais rápido. Isso depende da Secretaria de Meio Ambiente e dos projetos de revitalização da Baía de Guanabara”, informa Coelho.



Arquivo / Colônia Parque União



Arquivo / Colônia Parque União



Arquivo / Colônia Parque União



Arquivo / Colônia Parque União

Gente pra baixo do tapete

Prefeitura do Rio adota recolhimento compulsório (obrigatório) de moradores de rua com uso policial.



Hélio Euclides
Divulgação / SMAS

No cenário das grandes cidades é comum encontrar pessoas que residem nas ruas, praças, debaixo de marquises, viadutos e pontes. Esse fato se torna um problema para as Prefeituras, que lidam de diferentes formas com essa fragilidade da sociedade. No Rio de Janeiro, a Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) vem realizando operações de retirada desses cidadãos, e levando-os para abrigos. Os agentes municipais, em conjunto com policiais, encaminham o morador para a delegacia. Quando se trata de menores, a Prefeitura os leva para a Delegacia de Proteção da Criança e do Adolescente (DPCA).

O Conselho Regional de Serviço Social (Cress) questiona a abordagem da Prefeitura. Segundo o órgão, a regulamentação do Protocolo de Abordagem Social, que aprova o recolhimento compulsório – ou seja, obrigatório –, viola os direitos humanos, o que não ocorreria se a abordagem fosse social.

As ações da Prefeitura provocam reações de vários órgãos representativos

da sociedade civil. Em 25 de julho foi deflagrada uma campanha contra o recolhimento compulsório das crianças, unindo a Ordem dos Advogados do Brasil do Rio de Janeiro (OAB/RJ), os Conselhos Regionais de Serviço Social, de Psicólogos e de Enfermeiros, além dos fóruns de especialistas em doença mental. Em seu blog, o secretário de Assistência Social, **Rodrigo Bethlem**, classificou a campanha de “hipocrisia”.

De acordo com os profissionais do Cress, o ideal é adotar com a população de rua uma abordagem social, com diálogo e sem a presença de policiais. “Nosso pedido principal é o respeito aos direitos humanos. São políticas públicas que estão sendo compulsório, que com o recolhimento compulsório, que visa apenas o quantitativo”, denuncia a conselheira do Cress e coordenadora executiva do Fórum de População de Rua, Hilda Correa.

Os assistentes sociais criticam ainda mais o trabalho da secretaria quando o assunto envolve criança. “Há precariedade dos serviços municipais para a infância e juventude. O que vem acontecendo não é a intenção de proteger e sim culpá-la junto com a família”, afirma Mônica Alkmim, do Fórum Estadual da Criança e do Adolescente.

“Não há necessidade de levar o menor para a DPCA. Todos são inocentes até que se cumpra o contrário. Esse ato é uma forma de criminalizar”, critica Lúcio Taveira, que integra o Conselho Estadual de Direitos Humanos. Ele acredita que, na maioria das vezes, o menor volta para a rua por falta de implementação de uma política adequada.

Márcia Gattá, da Rede Rio Criança, é mais contundente. “Hoje são utilizados apenas meios paliativos. Estamos cansados disso, de se pensar apenas nos grandes eventos. Cadê o legado? Não de prédios, mas de políticas”, interroga ela, citando os preparativos para a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

A conselheira e presidente da Comissão de Orientação e Fiscalização, Vivian de Almeida, revela qual a solução para o impasse. “O acolhimento precisa ter um processo social, com técnicos qualificados: assistentes sociais, médicos e psicólogos. Tem que ser sedutor, com carinho e metodologia de trabalho. A abordagem social é demorada, e a Prefeitura quer rapidez”, conclui.

Vivian de Almeida

“O acolhimento precisa ter um processo social, com técnicos qualificados: assistentes sociais, médicos e psicólogos”



Divulgação / SMAS



Divulgação / SMAS

“Não há necessidade de levar o menor para a DPCA. Todos são inocentes até que se cumpra o contrário. Esse ato é uma forma de criminalizar”

Lúcio Taveira

Secretário defende recolhimento

O secretário Municipal de Assistência Social, Rodrigo Bethlem, continua defendendo veementemente as ações. Até meados do ano passado, Bethlem era secretário Especial de Ordem Pública e comandava ações de retirada dos cameliões em vários pontos da cidade. Desligou-se do cargo para concorrer a deputado federal pelo PSDB. Eleito, voltou à Prefeitura, agora à frente da SMAS. Embora ocupe a pasta de Assistência Social, ele é formado em Ciências Econômicas e em Marketing Político e Eleitoral.

Leia a entrevista exclusiva concedida, por e-mail, pelo secretário ao *Maré de Notícias*.

Por que os meninos estão sendo levados primeiro para a Delegacia e não para os abrigos?

Na DPCA podemos verificar situações como mandados de busca e apreensão, conflitos familiares, equacionar questões judiciais para que as demandas sociais dos jovens possam ser verificadas e encaminhadas com agilidade e dentro do que prega o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de modo a amparar esses jovens da melhor maneira possível.

Como está a estrutura do acolhimento provisório?

Em todas essas unidades os usuários têm acesso a seis refeições diárias, todos contam com equipes multidisciplinares compostas por assistentes sociais, psicólogos, pedagogos, educadores sociais. Nas unidades de acolhimento também são realizados encaminhamentos para retirada de nova documentação, para a rede de saúde, ações intersetoriais para promoção de escolaridade, reinserção familiar, qualificação profissional e estágios laborativos em empresas parceiras.

O que é o Protocolo de Abordagem Social?

Dentre as principais inovações do novo protocolo está a decisão de intermar compulsoriamente as crianças e adolescentes que, na avaliação de especialistas, estiverem comprometidas com o uso do crack e outras drogas psicoativas. Outro destaque é a resolução de que todas as crianças e adolescentes acolhidos só poderão deixar os abrigos após terem os responsáveis identificados.

O acolhimento é uma questão que tem sido encaminhada aos conselhos de assistência e à sociedade civil para debate?

O acolhimento compulsório de crianças e adolescentes com envolvimento com o crack foi tema de audiência pública na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) da Câmara dos Deputados, em Brasília. No encontro apresentei os avanços das ações realizadas pela SMAS, a partir da adoção do novo Protocolo de Abordagem Social, de 30 de maio de 2011, que já apresenta uma redução de 86% nos números de adolescentes e crianças acolhidos nas cracolândias e em outros pontos de consumo de drogas na cidade.

Leia o artigo “Crack: limites e riscos da internação compulsória”, na página 12.

Operação da SMAS no Jacarezinho, em 19 de julho, recolheu 41 adultos e 12 adolescentes

CRACK!

Limites e riscos da internação compulsória

Artigo de Rodrigo Nascimento, psicólogo, do Programa de Redução da Violência Letal
Área de Direitos Humanos do Observatório de Favelas

Nos últimos meses, assistimos a uma série de ações da Prefeitura do Rio de Janeiro voltadas para o enfrentamento do uso e dependência do crack, bem como das crackolândias existentes na cidade.

Em geral, essas ações, desenvolvidas pela Delegacia de Proteção da Criança e do Adolescente (DPCA) em conjunto com a Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS), consistem no recolhimento de quem estiver nesses espaços e o posterior encaminhamento para instituições como abrigos, no caso da constatação de que são pessoas em situação de rua, e, após um trabalho de triagem, para instituições especializadas no tratamento da dependência química, segundo os relatos publicados na imprensa, em caráter compulsório.

Ainda que esteja correta do ponto de vista legal, a imposição de uma centralidade das intervenções de enfrentamento ao crack na internação involuntária e/ou compulsória, especialmente no caso de crianças e adolescentes dependentes do crack, representa um risco de retrocesso no que concerne aos avanços produzidos pelo processo histórico recente da reforma psiquiátrica. Além disso, a utilização de expedientes autoritários, compulsórios, com uso da força policial, pode produzir um resultado inverso ao esperado, gerando uma maior resistência ao tratamento por parte dessas pessoas, sejam elas crianças, adolescentes ou mesmo adultos.

Devemos estar atentos para não reincidirmos na adoção de uma prática e um modelo que já provou ser ineficaz e contraproducente. A banalização desse procedimento pode gerar uma série de violações de direitos e distorções na assistência, tanto do ponto de vista terapêutico, quanto também na questão da alocação dos recursos disponíveis.

Grosso modo, a reforma psiquiátrica brasileira foi desencadeada no final dos anos 1970 e alcança repercussão e força a partir dos anos 1980 no bojo do processo de redemocratização. Esse movimento – que une trabalhadores e usuários de serviços de saúde mental, além de associações de familiares e outros atores sociais – se alinha com outros movimentos de reforma efetuados em diversos países. Em linhas gerais, seu arcabouço teórico e propositivo gira em torno do questionamento e problematização do modelo asilar tradicional, hospitalocêntrico, que recorre à internação como principal estratégia de intervenção psiquiátrica.

Longe de se configurar efetivamente como um espaço terapêutico, o modelo asilar ou manicomial passou, mediante essas críticas, a ser percebido como um fator de agravamento e cronificação das doenças mentais, além de contribuir para a mercantilização da loucura – quadro caracterizado basicamente pela expansão indevida dos repasses para a rede privada de saúde.

Desse modo, como resultado de disputas políticas e reivindicações do movimento de reforma, desenvolveu-se nas últimas décadas o processo de redimensionamento dos serviços e reestruturação da política nacional de saúde mental. Esse processo adota como eixo norteador o conceito de cidadania e procura equalizar as suas prerrogativas sociais e assistenciais com o reconhecimento e garantia dos direitos do doente mental. Em constante diálogo com outros setores da sociedade, são engendradas novas práticas, modalidades e dispositivos terapêuticos voltados para a construção de uma rede de atenção integral de base comunitária e territorial.

“A sociedade passa a aprovar e estimular a adoção de intervenções enérgicas, incisivas, justamente por não saber muito bem como lidar com o problema.”



É fundamental que se estabeleça uma relação de confiança com esses sujeitos e suas famílias, que muitas vezes encontram-se também numa situação que demanda acolhimento e cuidado.

Um marco importante desse processo diz respeito à lei federal 10.216, de 2001 que procura articular a questão da proteção social e o redirecionamento do modelo assistencial. Embora mantenha o recurso à internação involuntária e à internação compulsória – determinada pela Justiça – essa lei estabelece alguns parâmetros para regulação do seu uso e do funcionamento dessa modalidade terapêutica, incluindo, por exemplo, o Ministério Público Estadual como uma instância reguladora desse procedimento. A internação deveria passar, portanto, de primeiro e principal recurso utilizado para uma ação estritamente emergencial, sendo acionada somente em último caso.

Essas ações podem significar uma forma de inversão dessa lógica, ancorada, por um lado, na gravidade do problema social vivenciado que justificaria medidas extremas, e, de outro, no seu caráter recente e desconhecido, não havendo uma estratégia notoriamente eficaz de abordagem, nem um conhecimento científico extenso sobre o assunto. Esses aspectos criam um temor generalizado na sociedade que passa a aprovar e estimular a adoção de intervenções enérgicas, incisivas, justamente por não saber muito bem como lidar com o problema.

Ao lado dessas questões, a usual estigmatização dos moradores de favelas e das pessoas em situação de rua acaba por ser mais uma via de aprovação pela opinião pública, em geral, para a utilização da força nesses encaminhamentos. Limpam-se as ruas, acabam, ao menos temporariamente, com algumas crackolândias e produz-se assim uma sensação de alívio no tecido social, que percebe a presença do poder público agindo para sanar o problema, ainda que ocultando-o, tornando-o invisível.

Obviamente existem casos específicos em que as modalidades de internação involuntária e compulsória se justifiquem. No entanto, a princípio, essa abordagem espetacularizada, coletiva, feita no atacado, com forte viés higienista pode, ao invés de contribuir para a recuperação desses sujeitos, se tornar um fator de estigmatização e criminalização dessas pessoas e, no caso de crianças e adolescentes, de suas famílias, como as próprias autoridades envolvidas já têm indicado em suas declarações.

Ao contrário, para a construção de um projeto terapêutico realmente eficaz é fundamental que se estabeleça uma relação de confiança com esses sujeitos e suas famílias, que muitas vezes encontram-se também numa situação que demanda acolhimento e cuidado. Criminalizar essas famílias e recolher à força esses indivíduos pode criar – ou reforçar – uma imagem do Estado como instância exclusivamente repressora e violenta, persecutória, afastando-os ainda mais do tratamento adequado e dos serviços existentes.

Nesse sentido, deve-se fortalecer a rede de cuidados em saúde mental, priorizando ações e projetos, como os ‘Consultórios de Rua’, que desenvolvem ações preventivas, de promoção da saúde e de cuidados clínicos primários no próprio espaço da rua. Essa forma de abordagem, além de ser norteada por um evidente pressuposto ético, respeitando os contextos sócio-culturais vivenciados por esses sujeitos, também é estrategicamente interessante na medida em que procura estabelecer vínculos positivos, relações de confiança e respeito fundamentais para o êxito dos encaminhamentos realizados – inclusive da própria internação, quando necessária.



Elisângela Leite

Real Maré no Estadual

O Real Maré disputará o Campeonato Estadual Amador da Capital Sub 17, que terá início no dia 13 de agosto e vai até 26 de novembro. Em julho, os jogadores se prepararam para os jogos na cidade de Paraíba do Sul, interior do estado. O campeonato é realizado pela Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FFERJ).

Verde que te quero verde

Nos últimos anos um assunto que se destaca é o cuidado com a natureza. Uma das prioridades é o replantio de árvores, que traz benefícios como: amenizar o clima, melhorar a qualidade do ar e tornar o meio ambiente mais agradável. Pensando assim, na tarde de 26 de julho, estudantes de biologia e moradores da Rua Sargento Silva Nunes, na Nova Holanda, plantaram várias mudas nas calçadas e canteiros. As mudas foram doadas pelo Horto Universitário da UFRJ e vieram identificadas, inclusive com as instruções de cuidado com cada uma delas.

Para a aluna do Projeto de Extensão da UFRJ/ Muda Maré, Luisa Ázara, o destaque foi o processo de mobilização. “A importância desse plantio está principalmente relacionada ao despertar dos moradores para os problemas ambientais que cercam a região, dentre eles a ausência de ruas arborizadas”, realça. Ela conta que o próximo objetivo é expandir o plantio para outras ruas da Maré.

Feira de profissões

A Redes de Desenvolvimento da Maré está organizando a segunda edição da Feira de Profissões, que acontecerá na tarde de sábado, 27 de agosto, no Centro de Artes da Maré. O evento contará com folders, cartazes, livros, revistas e vídeos sobre diversas carreiras, expostos para os estudantes. “Será uma forma de o aluno se envolver com as profissões e facilitar a escolha do curso universitário”, conta o professor do projeto Rede de Saberes, Tiago Cavalcante.

O futuro aluno da universidade poderá pesquisar sobre as inúmeras carreiras e ter contato direto com profissionais de diferentes campos de conhecimento. As atividades ainda contribuirão para ampliar o espaço-tempo do aluno e potencializar sua participação na sociedade.

O Centro de Artes da Maré fica na Rua Bittencourt Sampaio, 181, Nova Holanda, próximo à Av. Brasil.



Divulgação

Quer ingressar na universidade? Então, saiba mais sobre o Enem.

O Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) é uma prova individual, realizada em todo o Brasil, com o objetivo de avaliar os conhecimentos dos estudantes que estão concluindo ou já concluíram o ensino médio. É usado também como porta de entrada para universidades públicas e particulares.

Entre as universidades públicas, há casos em que foi escolhido como critério de seleção, substituindo o tradicional vestibular. Este ano, pela primeira vez, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) vai adotar o Enem como único meio para o ingresso de estudantes. Outras instituições públicas dedicam um percentual de vagas para os melhores colocados no exame. Uma boa pontuação nos testes também pode ser garantia de conseguir uma bolsa por meio do ProUni (Programa Universidade para Todos) nas universidades privadas.

O Enem não é obrigatório, mas se você deseja tentar uma vaga em curso superior ou ter uma base de comparação sobre seu desempenho em relação a outros estudantes, tenha sempre atenção aos prazos. Para este ano, as inscrições já estão encerradas. Se você já garantiu sua participação, é hora de investir nos estudos. Se você ainda não se inscreveu, vale a pena saber mais para buscar a sua vaga no ano que vem. Veja algumas dicas:

Quem pode fazer?

Qualquer pessoa que tenha concluído o ensino médio pode fazer o exame, não importa a idade, situação financeira ou ano de término do curso. Alunos de supletivo podem participar do exame.

Onde e como se inscrever?

As inscrições podem ser feitas em agências dos Correios ou pela internet, na página eletrônica do Enem, em um prazo previamente determinado e divulgado pelo Ministério da Educação. Este ano, as inscrições já estão encerradas. É cobrada taxa de inscrição, mas os alunos de escolas públicas (federais, estaduais e municipais) estão automaticamente isentos. Outros estudantes podem requerer o benefício mediante declaração de carência.

Como é a prova?

O exame do Enem é composto por questões de múltipla escolha, divididas em quatro eixos – Ciências da Natureza, Ciências Humanas, Linguagens e Matemática – além de uma redação. Este ano, as provas estão marcadas para os dias 22 e 23 de outubro.

Importante não esquecer no dia do exame

Se você vai fazer a prova, é importante não esquecer documentos de identificação pessoal com foto, comprovante de inscrição, caneta estereográfica preta e lápis.

Na Maré

Você pode ter mais informações sobre o Enem no curso de pré vestibular da Redes da Maré, na Nova Holanda.

Universidades Federais no Rio de Janeiro que adotaram o ENEM:

UFF
UNIRIO
UFRJ
UFRRJ

Entre no portal do Enem e tenha mais informações.
<http://www.enem.inep.gov.br/inscricao/>



Documentário: "O veneno está na mesa" e na internet

Para assistir o novo filme do cineasta Sílvio Tendler de graça basta digitar "O veneno está na mesa," no campo de busca do Youtube (www.youtube.com). Aparecerão os links para as quatro partes do documentário lançado no Rio em julho, denunciando o uso indiscriminado de agrotóxicos no Brasil. Nosso país é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo.

Realizado com o apoio da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o documentário expõe os males desse consumo tanto para o consumidor como para o agricultor e para o meio ambiente.



Livro: Palavra feminina

O livro escrito pela professora Raquel Paiva e lançado pela Editora Mauad teve o objetivo de analisar a presença das mulheres na eleição de 2006. A autora pesquisou diversos jornais para avaliar como o tema "mulher na política" é desenvolvido. A obra constatou que, para a mídia, a mulher, naquele período, ainda enfrentava muitos preconceitos. As reportagens muitas vezes tinham um desvio do foco. Os temas saíram do assunto política para a esfera privada, ou seja, as mulheres têm suas vidas pessoais muito mais expostas que a dos homens, observou Raquel.

A autora expõe o traçado de 21 mulheres envolvidas na política. E vai mais além: do direito ao voto até a chegada ao poder. Menciona a história e o percurso que começou em 1922, quando surgiram as primeiras líderes que dez anos depois conquistariam o direito de escolher seu representante, até a ascensão na política. (Texto: Hélio Euclides)



Webdocumentário: A vida na favela, humana como ela é

O site "Rio de Janeiro - Autorretrato" relata a história de três fotógrafos da Maré, AF Rodrigues, Ratão Diniz e Jaqueline Félix. Eles contam que, em cada clique, encontram poesia, cor e luz e um dia a dia de muitas alegrias nas favelas. Mostram que, muitas vezes, existe a convivência com dificuldades e violências, mas que as esperanças sempre falam mais alto.

Nos quatro vídeos dirigidos e idealizados por Marcelo Bauer, o visitante pode conferir fotos que ilustram sonhos, vida cotidiana, pessoas e cidade. "Achei importante mostrar o coletivo, não o individual. Esse documento é importante para favorecer o trabalho de formiguinha, de expor realmente o que a periferia tem," relata o fotógrafo AF Rodrigues.

Endereço:

www.riodejaneiroautorretrato.com.br/riodejaneiroautorretrato/dev2011/



Teatro: A mulher que mudou o tratamento mental

O espetáculo encenado no Centro Cultural Justiça Federal relata a vida da médica Nise da Silveira. Ela enfrentou preconceitos para mudar a forma como se tratava das doenças mentais no Brasil. Nise foi à luta contra os choques elétricos que eram aplicados nos doentes e incentivou o tratamento pela visão da terapia ocupacional, transformando o "maluco" em artista. A atriz Mariana Terra retrata fielmente a história dessa mulher que tinha um olhar à frente do seu tempo. A peça tem a dramaturgia e direção de Daniel Lobo, coreografia de Ana Botafogo e trilha original de João Carlos Correia Brasil.

O Centro Cultural Justiça Federal fica na Avenida Rio Branco, 241, Cinelândia. A peça fica em cartaz até 25 de agosto, às quartas e quintas, às 19h, no valor de R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (estudantes e idosos). (Texto: Hélio Euclides)



NOTA 10
SÉRIE ENEM

Essas e outras dicas você pode conferir no Canal Futura a partir deste mês, com a estreia de programas dedicados ao tema. No dia 30 de agosto, começa o Nota 10 - Série Enem, que, sob o comando do apresentador Leo Madeira, vai viajar por instituições de ensino do país para mostrar como alunos, pais, educadores e gestores escolares vêm se preparando para o exame.

Já em outubro, será exibida uma série de programas ao vivo, em formato interativo, que funcionarão como simulados para auxiliar os estudantes na reta final de estudos. E complementando todo esse conteúdo, desenvolvido em parceria com a Editora Moderna, uma série de interprogramas esclarecem dúvidas básicas sobre o que é e como funciona o Enem.

www.futura.org.br
Canal 18 UHF - NET canal 32 - SKY canal 8
Parabólica polarização vertical 20

Moderna futura

PROGRAME-SE !

Eventos

Troca-troca do livro
04 de agosto e 14 de Setembro
Leve um livro usado para trocar!

Roda de Samba
07 e 21/08, de 17h às 21h
Com o grupo Nova Raiz.

Sexta às Seis
05 de Agosto e 02 de Setembro, às 18h
Espaço para mostra de artistas locais e de convidados - palco livre, bar e arte.
Toda primeira sexta do mês!

Contação de histórias
09 de Agosto, às 10h
Na Biblioteca Jorge Amado

Favela Rock Show
13 de Agosto e 10 de Setembro, às 21h
Bandas locais e de outros pontos da cidade.

Tarde Musical
19 de Agosto, a partir das 14h
Na Biblioteca Jorge Amado
14h: Sambabom
21h: Grupo Kina Mutembua

Favela Rock Clássicos
27 de Agosto
Bandas Teachers On The Rock e Aversão tocam clássicos do Rock n' Roll!

Cineclube Vida Curta
10 de Setembro, às 20h
Exibição de curtas-metragens

Seminário
15 de Setembro, de 9h às 18h
A cidade e os megaeventos esportivos: muros, remoções e maquiagem urbana"

Circuito Jovem de Leitura
15 de Setembro, às 15h

Ciranda de Histórias com Zé Bocca
22 de Setembro, às 15h

Oficinas

Construção de Instrum. Musicais
2^{as} de 9 às 11h
e 3^{as} de 12h às 14h
A partir de 10 anos

Teatro
3^{as} e 5^{as} das 15h às 17h
A partir de 12 anos

Artes Circenses
2^{as} e 4^{as} das 14 às 16h

Maracatu
4^{as} e 6^{as} das 10 às 11h30
e de 11h30 às 13h

Cavaco
4^{as} e Sábados a partir das 11h

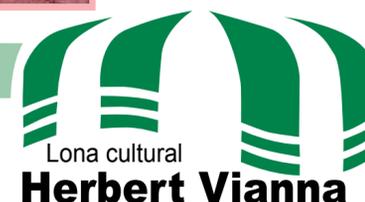
Violão
4^{as} e Sábados a partir das 12h

Reciclando o olhar
5^{as} de 9h às 11h
e 13h às 15h

Gastronomia
4^{as} e 5^{as} de 8h30 às 11h30
e de 13h às 16h



A RODA DE SAMBA ESTÁ DE VOLTA



TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA !

R. Ivanildo Alves, s/n - Nova Maré - Tels: 3105-6815 / 7871-7692
www.lonadamare.blogspot.com - lonadamare@gmail.com

Facebook: Lona da Maré - Orkut: Lona Cultural da Maré - Twitter: @lonadamare
Redes da Maré - R. Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda

Vila do Pinheiro na paz

Neste mês, o Espaço Aberto traz a emoção e a esperança do encontro no Ciep Ministro Gustavo Capanema, pelas imagens de leitores que estiveram lá.



Janaína Crenza



Janaína Crenza

Após o acidente que vitimou um estudante, em maio desse ano, no Ciep Ministro Gustavo Capanema, na Vila do Pinheiro, professores e alunos tentam esquecer a cabeça. Na noite de 21 de julho, ocorreu o chá literário, intitulado DegustaPEJA, do Programa de Educação de Jovens e Adultos. No evento alunos vestiam camisa branca com a estampa de uma pomba, e abaixo o slogan: "Paz, eu apoio". Na parte de trás, a frase de Mahatma Gandhi: "Não existe um caminho para a paz, a paz é o caminho".

A festa contou com poesias, contadores de histórias, coral e, claro, não podia faltar o chá com bolo. O pátio estava lotado. "Gosto da sala de aula, mas esse chazinho com os amigos e contação de história é bom de-



Hélio Euclides



Janaína Crenza



Janaína Crenza

mais", exaltava a aluna Raimunda Canudo. "Muito bom, melhor evento dessa escola. É maravilhoso ver alguém recitando poesia", destacava a aluna Maria de Lourdes Gomes.

A professora orientadora Janaína Crenza explicou que o evento está ligado ao projeto pedagógico, de contadores de história, que articula a leitura com a construção crítica do pensamento. A abordagem em sala de aula motivou o evento. "Juntos retomamos o trabalho e agora estamos selando a paz", afirmou.

"Depois de tudo, superamos com esse chá literário, que contou a história de cada um, algo harmonioso. Levamos o Peja a refletir pela paz e buscar um crescimento na educação", concluiu a diretora Carmem Lúcia Ferreira.

(Hélio Euclides)